caderno de leituras
n.151 / 2022

série
intempestiva

gerações, civilizações

jean-luc nancy

tradução
vinícius nicastro honesko

nota da editora

O texto em francês – “générations, civilisations”– foi publicado na revista *Vacarme* n.47, em abril de 2009, e está disponível aqui: http://www.vacarme.org/article1761.html

A relação entre as gerações não é de diferença ou de oposição, mas de síncope. O que a juventude atual sabe de um passado feito de rupturas é que ela não as viveu; ela partilha com as outras idades da vida o sentimento de que nossa civilização agora está mais suspensa do que solidificada, de que ela não mais exige se satisfazer com sua herança, mas se transformar na urgência.

As gerações não se sucedem sempre como nas narrações bíblicas e não se resumem à fórmula: "X gera Y que gera Z". Elas não são sempre simples engendramentos, elas nem sempre são, portanto, gerações. Como em toda genética, aliás, produzem-se mutações, saltos, recombinações. É o que chamamos de história: o que faz causar estranhamento, perturbação, síncope na sucessão das gerações.

É possível dizer que a "geração" que tem hoje por volta de vinte anos foi engendrada e, sobretudo, cresceu em condições que fizeram dela uma geração mais em ruptura de sucessão do que as precedentes. Basta-nos relembrar algumas datas entre 1989 (o muro), 2001 (as torres) e 2008 (as bolhas), ou ainda que esse período viu a produção de transformações como a que assinala a expansão do estranho sintagma "recursos humanos", ao mesmo tempo que aceleradamente se decompunham as esquerdas políticas europeias, e que apressadamente se recompunham todas as espécies de religiosidades ou de mitologias identitárias e que exponencialmente cresciam as distâncias de meios tanto entre as pessoas quanto entre as empresas e as coletividades nacionais ou outras.

A geração dos vinte anos de hoje (como por certo também os jovens que a seguem) decididamente não pode se situar como uma "geração" ligada à sua proveniência e aberta à eclosão de sua nova identidade. Algo lhe foi sem dúvida subtraído da possibilidade de se experimentar como "geração", ou ela só pode fazê-lo numa relação que não é exatamente "de gerações". Não são mais os pais nem os avós que constituem quais podem ter acesso à sua vida e idade próprias. É de uma mutação do mundo que se trata.

O período do qual falo sem dúvida formou o último momento de uma curva iniciada em torno de 68 (e eventos foram os sinais potentes e mal compreendidos): essa curva desenhava uma mudança decisiva e

irreversível daquilo que até aí sempre tinha sido inscrito – de geração em geração, há muito tempo – sob os signos maiores de uma história mais ou menos dotada de sentido e, em todo caso, de futuro, de esperança num progresso tanto social e humano – leia-se moral! – quanto técnico (este último favorecendo o primeiro) e, de maneira geral, do projeto indubitavelmente já perturbado mas ainda consiste emancipação da humanidade.

Sem dúvida, podemos dizer de uma maneira muito simples: desde mais ou menos a metade do século XIX, e a despeito das revelações esmagadoras que foram as duas guerras mundiais, cada geração podia pensar que iria fazer melhor do que a precedente. Podia pensar que ela saberia tirar as lições das derrotas levando adiante os sucessos. Já 68 soube mostrar outra expectativa, outra exigência: a de uma ruptura. É por isso que 68 não foi revolucionária: a revolução é a ruptura na refundação, na retomada inauguradora, isto é, criadora de um novo tempo. Depois de 68, mas muito mais sensível e massivamente depois de 1989, entramos na ruptura suspensiva: suspensão do progresso, suspensão da confiança, suspensão do próprio sentido que poderia ter "uma nova geração".

Talvez poderíamos dizer que a partir desse momento as gerações não se sabem nem se sentem "geradas", mas sim destituídas, abandonadas, ou ainda largadas à beira de uma estrada que se interrompe não muito adiante ou irá se perder numa região confusa e desprovida de pistas, sinais.

Segue-se, ademais, que esse saber e esse sentimento não são apanágios dos "jovens". Nós também o compartilhamos, não importa de que geração somos, desde que sejamos sensíveis a essas fraturas profundas, a esses tremores ou a esse mal-estar que não podemos nomear de forma diversa de como o fez Freud há oitenta anos – isto é, também, quatro vezes vinte anos. Podemos hoje ter 80 anos e conhecer uma desorientação, uma perplexidade ou uma vertigem que não devem nada à velhice (a qual, aliás, já vem de longa data) nem, consequentemente, à bastante conhecida *laudatio temporis acti*, e sim à percepção de uma ruptura e de uma espécie de abandono da história do mundo, dos homens e da natureza.

Sem dúvida, hoje não podemos nem mesmo – a não ser que sejamos estúpidos ou sonâmbulos – ter nostalgia de um

tempo passado porque o passado não se mostra mais como o tempo de uma geração, no sentido ativo de um engendramento, a qual certamente pode ser seguida de vicissitudes, mas que ainda assim abre para uma nova vida capaz de recomeços (de reengendramentos). O passado se mostra mais como, ao mesmo tempo, muito passado - muito distante, muito separado de nós - e como muito pouco passado - colado em nós. Muito distante, como todo o peso das expectativas e dos chamados que puderam trazer as palavras "comunismo", "socialismo", "humanismo"; muito perto, como nos toca a rede inextricável de restrições técnicas e de contradições morais que herdamos de nossas invenções eletro-atômico--biológicas. Muito distante, como estão distantes a "razão" e a "ciência" em suas glórias conquistadoras; muito perto, como essas mesmas "razão" e "ciência" se colocam diante de nós desajeitadas e petrificadas, na suspensão do futuro. Muito distante, como o sentido grego de "democracia"; muito perto, como é o sentido moderno e incerto da mesma palavra.

Em 1936, Husserl publicava seu *Krisis* – "a crise das ciências europeias". O que para ele era crise, isto é, ao mesmo tempo fase aguda da doença e momento propício para a intervenção terapêutica, não é crise para nós, mas estado contínuo, instalado, em que dificilmente podemos distinguir a "patologia" de uma condição supostamente saudável ou normal.

Na verdade, trata-se de algo diferente de uma crise e de algo diverso de um fenômeno de geração. Entramos numa mutação da civilização comparável àquela que fez aparecer o mundo mediterrâneo dos fenícios seguido pelos gregos, ou àquela que fez desaparecer, cerca de dezesseis séculos mais tarde, esse mesmo mundo em favor do que iria se tornar o nosso.

Em escala similar, as gerações apenas têm o mesmo sentido na proximidade de seus engendramentos e encadeamentos. É a própria história que não se encadeia mais. Produziu-se uma disjunção do curso mais ou menos contínuo que acreditamos poder lhe atribuir, enquanto podemos pensar ou acreditamos poder fazê-lo em termos de sucessão, de passagem ou mesmo de transformação, isto é, de revolução (que ainda é uma transmissão). Não estamos mais numa duração da transmissão, da transferência – da tradição em seu valor ativo – mas

numa síncope da metamorfose. É o tempo da civilização que se encontra *out of joint*, como disse Hamlet.

Sem dúvida Shakespeare é a testemunha de uma consciência de ruptura, de interrupção ruinosa – Hamlet ou Lear estão entre essas figuras notáveis – e nos dá condições de pensar que o sentimento da fratura do tempo e da ordenação do mundo é recorrente no mundo moderno, constitutivo talvez do "moderno" enquanto tal. Constitutivo já do mundo grego alexandrino, depois romano cristão. Um apocalipse está sempre suspenso sobre o Ocidente. Hoje, pela primeira vez, esse sentimento não é mais o de um Ocidente que de forma mais ou menos obscura se apoia ou se inscreve num resto de mundo mais vasto, um oceano que desde longe dá para *terrae incognitae*, um céu que perde suas esferas de cristal, mas ainda está repleto de marcos brilhantes. Nossa sensação é a de estarmos em meio a nada além de um vazio intersideral. Que essa representação ainda possa ser seguida por uma nova maneira de "fazer mundo", de atravessar o vazio com um sentido novo, não é impossível: mas também não é "possível", no sentido de vislumbrarmos um início, um esboço. E isso, por ora, parece que não nos dá condições para fazer surgir, por assim dizer, de nossa disjunção, uma forma que, como a de Shakespeare, tem a potência de um mundo em si. Podemos objetar que caberia a nós apreender esse mundo de Shakespeare – o de Cervantes e também o de Montaigne – como tal e que não podemos saber quais formas nem quais forças nascem ao nosso redor, em nós e, talvez, por nós, apesar de nós...

Em todo caso, no tempo da disjunção, se não é justo pensar em termos de geração, de idades e, portanto, também de "declínio" ou de "renovação" (de "decadência" ou de "renascimento", de "degeneração" ou de "regeneração" – todas essas valorações que supõem uma medida, um valor de referência), nem por isso está excluído falar de velhice e de juventude. Não no sentido das idades da vida, mas no sentido daquilo que se fecha ou que se abre.

É suficiente distinguir dois sentidos dessa dupla "jovem/velho"? Não é certo. Por que a juventude teria o apanágio da abertura? Por que a velhice teria o do fechamento? A velhice é também a que vê mais longe, tanto para trás quanto à frente, e isso pode abri-la. Velhice pode querer dizer "expansão" e juventude "preci-

pitação" – ou mesmo a segunda pode ser "germinação", enquanto a primeira "descolamento".

Seja o que for, não importa a qual geração nossa idade civil nos faça pertencer hoje, sejamos nós "velhos" ou "jovens", podemos nos fechar ou nos abrir. Não a um futuro como o que procede de um engendramento, mas a uma "vinda" como aquilo que surge do desconhecido e enquanto desconhecido. Para um acontecimento. Hoje, ser jovem é estar disposto a um acontecimento: a um imprevisível que não vai encadear, que não vai nem nos suceder nem herdar de nós, nem nos renegar e nos destituir, mas que apenas vem de um lugar completamente outro, intacto. É nossa responsabilidade saber aí nos dispor, aí nos expor.

Post-Scriptum

Perguntam-me qual relação podemos manter hoje com os termos "mal-estar" e "crise", marcos de uma consciência dos anos 1930 e que o pós-guerra pensou poder esquecer na nova dinâmica de uma civilização ferida, mas em vias de cura. De início, seria preciso especificar que esses termos foram, até certo ponto, prudentes em relação a um termo como "declínio" (*Splengler*) e a outros de sentido similar (degeneração, decadência) que convocavam regenerações, revivescências ou restaurações pensadas sobre um fundo de apocalipse iminente. Reconhecemos um pano de fundo fascista. Em relação ao declínio, face ao qual podemos apenas ceder ou reagir, no sentido mais corrente de "reação", o mal-estar ou a crise deixam aberto ou indeterminado o prognóstico. Além disso, os sentimentos de Freud e de Husserl diferem muito: o primeiro não se despoja de um pessimismo ao mesmo tempo livre de qualquer "reação", o segundo, ao contrário, coloca a análise da "crise" a serviço de uma confiança renovada naquilo – a razão europeia – que atravessa a crise. Assim, poderíamos dizer que para Freud a sucessão de gerações permanece, antes, indiferente ("é preciso esperar", diz ele...), enquanto para Husserl, a despeito do ceticismo a que a crise obriga, a humanidade não deveria deixar de religar o fio da história aberta com o *logos*.

Nenhuma dessas atitudes pode ser inteiramente a nossa. Nem a de esperar sobre o fundo de desencanto, nem a vontade que se afasta da dúvida. Estamos numa espécie de situação em que devemos pensar de modo diverso, não em termos que pressupõem seu contrário perdido ou deteriorado: o contentamento oposto ao mal-estar, a energia vivente oposta à crise. O que temos que fazer é algo de outra ordem do que a de uma perturbação. Há desaparecimento do dado. A nossos olhos, a natureza e a história, o próprio "homem" e seu "mundo" esfacelam-se sem que nos seja permitido qualificar esse fenômeno como mal-estar ou crise, infelicidade ou declínio. Trata-se muito mais daquilo que designei com o termo "mutação". Muitas vezes já me aconteceu utilizá-lo. Uma mutação é uma transformação que não se deixa qualificar como boa ou má. Ela se subtrai também à inscrição num processo contínuo. As mutações genéticas surgem na sequência de um genoma. Algumas delas são letais, outras produzem novas possibilidades de vida.

Podemos falar também de mudança.[1] Na mudança da crisálida ou na que ocorre na voz do adolescente há simultaneamente manutenção de uma identidade e metamorfose de sua manifestação. A mudança é um fenômeno privilegiado para pensar a coincidência de uma continuidade e de uma ruptura, pensando ao mesmo tempo, a solidariedade da coisa em si e da manifestação. A coisa em si, aqui, é "nós", ou a humanidade, ou o mundo – natureza e história: muitos nomes que traem a impossibilidade de dizer o que é essa coisa. Kant disse-a ao abrir o tempo presente: não respondemos à questão "o que é o homem?". Podemos repetir sua afirmação na resposta: o homem é um mutante. O mundo em sua totalidade é mutante, mutação e mudança. A manifestação – larva ou borboleta, voz fraca ou voz timbrada – revela outra coisa que a coisa mesma, outra verdade, nem melhor nem pior. Estamos em mudança, deixamos uma pele, uma voz, sem ainda ver nem entender aquelas que a metamorfose engendra.

1. No original *mue*. Trata-se de um termo utilizado para troca das plumas nas aves, para a passagem do estado larval ao adulto em determinados insetos e para a mudança da voz na adolescência. [N.T.]

Caderno de Leituras
n.151 | 2022
série *intempestiva*

gerações, civilizações
générations, civilisations
Jean-Luc Nancy

Edição e preparação de texto
Maria Carolina Fenati

Tradução
Vinícius Nicastro Honesko

Revisão da tradução
Larissa Drigo

Revisão
Andrea Stahel

Projeto gráfico
Mateus Acioli

Coordenação da coleção
Luísa Rabello,
Maria Carolina Fenati

Composto em Maax,
desenhada por Damien
Gautier para 205TF Foundry.

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, julho de 2022

Esta e outras publicações
da editora estão disponíveis
em *www.chaodafeira.com*

Este projeto foi
realizado com
recursos da Lei
Municipal de
Incentivo à Cultura
de Belo Horizonte

Realização

PROJETO REALIZADO PELA SOCIEDADE CIVIL COM RECURSOS OBTIDOS DA POLÍTICA DE FOMENTO À CULTURA MUNICIPAL

Projeto 0182/2021

Incentivo

LMIC
LEI MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA

CULTURA

PREFEITURA BELO HORIZONTE
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA